

AS CONTRIBUIÇÕES DOS ESTUDOS DE GRANOVETTER PARA O DEBATE SOBRE O PROCESSO DE TESSITURA DE LAÇOS E REDES NO CONTEXTO DA INSERÇÃO PROFISSIONAL DE EGRESSOS DO ENSINO SUPERIOR

Adriana Lucinda de Oliveira *
Luiz Everson da Silva **

Resumo: O presente artigo aborda o conceito de *embeddedness*, a partir da concepção teórica de Mark Granovetter para a análise da interferência dos laços fortes, laços fracos e redes no processo de inserção profissional de jovens após a conclusão do ensino superior. Essa discussão ganha complexidade no atual contexto de profundas transformações no mundo do trabalho, expressas na organização econômica e produtiva, caracterizadas pela incerteza, transitoriedade, fluidez nas relações pessoais e profissionais. Os jovens têm experienciado uma variedade de vulnerabilidades que interferem na tessitura de laços e redes. Diante disso, abordamos quatro tipos de *embeddedness*: cognitivo, cultural, social e político na análise de inserção profissional e acrescentamos que as características do sujeito, sua trajetória educacional, a região onde reside, a área de disciplina de formação são alguns elementos que compõem a capacidade de tecer laços e redes.

Palavras-chave: Inserção profissional. Educação superior. Redes.

THE CONTRIBUTIONS OF GRANOVETTER STUDIES FOR THE DEBATE ABOUT EMBEDDEDNESS IN THE CONTEXT OF EMPLOYABILITY OF GRADUATES IN HIGHER EDUCATION

Abstract: This article discusses the concept of “embeddedness” from a theoretical conception proposed by Mark Granovetter for analyzing the interference of strong and weak ties as well as networks in the professional integration into working life process of young people after completion of higher education. This discussion is becoming more complex in the current context of profound changing world of work ,and it is expressed in economic and productive organization of work characterized by uncertainty, transience , fluidity in personal and professional relationships . Young people have experienced a variety of vulnerabilities that interfere in the weaving of ties and networks. In this context, we have covered four types of “embeddedness”: cognitive, cultural, social and political analysis on employability. In addition, we have considered the subject’s features, educational history, the home region, the disciplinary area of studies as elements which comprise.

the ability to weave ties and networks.

Keywords: Professional integration. Higher education. Networks.

Introdução

O presente ensaio pretende trazer alguns elementos da produção teórica de Mark Granovetter para a análise do processo de inserção profissional de jovens egressos do ensino superior. Para tanto, iniciamos com uma sistematização do pensamento do referido autor, com destaque para as discussões sobre *embeddedness*, laços fracos, fortes e redes. Na sequência, trazemos uma rápida caracterização das transformações no mundo do trabalho e os impactos dessas na vida de jovens trabalhadores e trabalhadoras. Evidenciamos, entre as várias

demandas postas pelo mundo do trabalho, a habilidade de relacionar-se, de conectar-se, de transitar em diferentes espaços e grupos, enfim, de tecer redes que possibilitam interação social. Diante dessas demandas, trazemos os desafios que se intensificam aos jovens egressos do ensino superior diante dos processos de inserção profissional.

Mark Granovetter é sociólogo americano que atua na Universidade de Stanford, conhecido pelas suas contribuições para a Sociologia Econômica. A Sociologia Econômica emerge na década de 1980, fruto da incapacidade da economia clássica e da sociologia clássica em responderem alguns fenômenos¹. A sociologia clássica sempre trabalhou com a oposição entre o tradicional e o moderno, entre o coletivismo e o individualismo, aceitando que as sociedades são baseadas em uma moral religiosa e utilizando a racionalização weberiana como chave interpretativa. Granovetter (1985), ao adotar o termo *embeddedness*², argumenta que as sociedades ditas tradicionais nunca foram tão enraizadas assim como se pensava, ou seja, já que tinham uma moral econômica, uma racionalidade mercantil. Já as sociedades modernas também não são tão desenraizadas como se imagina, ou seja, mantêm relações de reciprocidade, gratuidade, cooperação. Através da expressão *embeddedness*, Granovetter (1985) defende que a economia está imersa em relações sociais, ou seja, que para compreender a ação econômica é preciso concebê-la a partir de seu enraizamento numa rede de interações sociais. Desta forma, o autor defende uma conexão entre fatores econômicos e não econômicos mediados pela interação social entre os sujeitos que tecem uma rede de contatos.

Desta forma, Granovetter traz à crítica a perspectiva subsocializada presente no individualismo sociológico da teoria da escolha racional, em que cada indivíduo escolhe racionalmente segundo suas preferências fixas e exógenas, ou seja, age à revelia do que se passa na sociedade. Por outro lado, critica também a perspectiva sobressocializada, que enfatiza a influência das disposições culturais, éticas, sociais na ação do indivíduo. Segundo essa concepção, conhecida como culturalista, o sujeito incorpora normas, crenças, valores e age em consonância com as mesmas. Para Granovetter, ambas as perspectivas atomizam os sujeitos, haja vista que o indivíduo não é um “tolo racional”, mas também não é um indivíduo completamente determinado pelas estruturas sociais.

[...] os atores não comportam nem tomam decisões como átomos fora de um contexto social, e nem adotam de forma servil um roteiro escrito para eles pela intersecção específica de categoriais sociais que eles porventura ocupem. Em vez disso, suas tentativas de realizar ações com propósito estão imersas em sistemas concretos e contínuos de relações sociais. (GRANOVETTER, 2007, p. 9).

Assim, para compreender o comportamento dos indivíduos, é preciso compreender a racionalidade a partir da qual eles se movimentam. Granovetter, para além de investigar a racionalidade, busca decifrar as teias de relações sociais constitutivas das formas de sociabilidade humana. Ele argumenta que as relações sociais são constituídas por redes de laços sociais, sendo que tais laços podem ser fortes ou fracos. E a identificação de laços fortes e fracos é de fundamental importância para a explicação da dinâmica social.

Diante disso, Granovetter faz uma diferenciação de dois tipos de imbricação: o relacional e o estrutural. O primeiro diz respeito aos laços fortes que o indivíduo estabelece. Compreende as pessoas com as quais o indivíduo tem mais contato, um maior vínculo e cumplicidade. Geralmente são os familiares e amigos de longa data. Entre essas pessoas as informações chegam mais rápido. Já a imbricação estrutural relaciona-se aos laços fracos, que ligam pessoas que não possuem tanto contato, o vínculo é superficial. Segundo Granovetter, são essas ligações que trazem as novidades, que promovem a inovação.

O argumento é de que nossos laços fracos são menos propensos a se envolverem socialmente uns com os outros do que os nossos amigos próximos (laços fortes). Assim, o conjunto de pessoas que passam por qualquer indivíduo e seus conhecidos compreende uma rede de baixa densidade (aquele em que muitas das possíveis linhas relacionais estão ausentes), enquanto que o conjunto constituído pelo mesmo indivíduo e de seus amigos próximos serão densamente unidos (muitas das possíveis linhas estão presentes). (GRANOVETTER, 1983, p. 201).

Assim, o autor em debate, defendendo uma perspectiva interacionista, demonstra a importância de laços fracos, pois eles dinamizam as redes sociais. Os laços fortes dão consistência e garantem que as redes não se acabem.

Seu argumento ganhou materialidade através de um estudo de como as pessoas acessam o trabalho. Intitulado *Getting a Job* (1974, 1985, 1995), Granovetter demonstra através de uma pesquisa sobre acesso ao mercado de trabalho nos Estados Unidos que a maioria dos pesquisados encontrara seus

trabalhos através da influência dos laços fracos. Examinando a relação entre contatos de trabalho e da estrutura social, Granovetter reconhece a rede como o capital social dos sujeitos que possibilita um trânsito maior ou menor. No entanto, o referido autor não explora como essas redes são tecidas, quais as habilidades requeridas para a tessitura, bem como não contempla na análise as interferências das dimensões culturais e jurídica-política (RAUD, 2005).

1 Transformações no mundo do trabalho

Frente a isso, nos remetemos ao nosso segundo aspecto previsto para esse artigo, qual seja, as transformações do mundo do trabalho, tendo como foco a população jovem (18 a 29 anos) egressa do ensino superior. Pretendemos trazer essa discussão tendo como pergunta de partida: em que medida o atual contexto do trabalho e da formação capacita, habilita os jovens a tecerem laços e redes?

As transformações do mundo do trabalho têm uma vasta análise. Estudiosos como Mézáros (2002), Antunes (2000), Harvey (1996) e Castel (2008), são unânimes ao concluir que o novo modelo de acumulação capitalista instaura uma nova lógica de organização do trabalho, com o enfraquecimento da organização coletiva dos/as trabalhadores/as, com o crescimento de vínculos de trabalho flexibilizados, através de um processo de vulnerabilidades que atinge de forma diferenciada os sujeitos, de acordo com suas etapas de vida. O crescimento econômico, relativamente alto do Brasil na última década (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada - IPEA, 2012), significou aumento do número de postos de trabalho. No entanto, permanece a dificuldade de inserção profissional juvenil. As oportunidades de trabalho normalmente oferecidas aos jovens são de curta duração e baixa remuneração, não lhes possibilitando o desenvolvimento profissional, inserção e permanência no mercado de trabalho.

Temos a emergência de novas lógicas de organização econômica e produtiva, caracterizadas pela incerteza, transitoriedade, fluidez. Assim, tornam-se crescentes as exigências de qualidades como adaptabilidade, criatividade, polivalência, flexibilidade tanto no plano dos processos de produção quanto nos meios de produção (equipamentos, capitais). Espera-se dos trabalhadores/as não apenas qualificações técnicas, mas habilidades e competências morais, relacionais, emocionais (ALVES, 2012).

Aquino (2009), com base nos estudos do IPEA, afirma que mudanças estruturais na distribuição etária da população em todo o mundo são resultantes do crescimento excepcional do grupo jovem. Denominada de “onda jovem”, expressa o aumento relativo da população em idade ativa, o que pode ter efeito positivo sobre a dinâmica do desenvolvimento socioeconômico e, por isso, tem sido qualificado como bônus demográfico.

Entretanto, o aproveitamento do bônus demográfico tem sido ameaçado por outro fenômeno em escala mundial mais ou menos simultâneo: a “crise do emprego”, que abateu as economias desenvolvidas na década de 1980 e atingiu o Brasil nos anos 1990, ameaçando a incorporação ao mercado de trabalho de grandes contingentes de jovens saídos da escola (AQUINO, 2009, p. 27).

O número de postos fixos de trabalho diminuiu, atingindo não somente os trabalhadores desqualificados, mas os que têm educação superior. O diploma universitário certamente garantia emprego para a realidade de 20 anos atrás, mas atualmente não representa passaporte seguro para a entrada no mercado de trabalho. (ARAGÃO, 2008, p. 114).

Desta forma, mesmo com crescimento econômico brasileiro, parte significativa da população juvenil encontra-se em condição de vulnerabilidade. Os estudos de Castel (2008, p.24) sobre a vulnerabilidade de massas partem do princípio de que um dos eixos das relações sociais é o trabalho. É nessa relação que se manifestam as formas de vinculação social decorrentes da precária/instável ou estável relação com o trabalho. Ao se deter sobre os vínculos estabelecidos nas relações familiares, no trabalho e com o Estado, firma-se uma correlação estreita entre o lugar ocupado na divisão sociotécnica do trabalho e a participação nas redes de sociabilidade e nos sistemas de proteção que cobrem um indivíduo diante dos acasos da existência.

Já Oliveira (1995) assegura que a vulnerabilidade social juvenil está profundamente vinculada ao desemprego e/ou ao baixíssimo salário dos pais, à intensa desconstrução/construção das famílias, devido a uma elevada urbanização, ao modelo econômico concentracionista e à péssima distribuição de renda no país.

Mann (1993) faz uma discussão da vulnerabilidade a partir de três pontos analíticos: individual, programática e social. Individual, pois está relacionada à trajetória do sujeito, variando de pessoa para pessoa, contudo recebendo influência

da família, amigos, comunidades; programática, apreendida por aspectos como compromisso das autoridades locais com o enfrentamento do problema; ações efetivamente propostas por estas autoridades; coalizão interinstitucional e intersetorial para atuação específica (saúde, educação, bem-estar social, trabalho, etc.); planejamento das ações; gerenciamento dessas ações; capacidade de resposta das instituições envolvidas; financiamento adequado e estável dos programas propostos; continuidade dos programas; avaliação e retroalimentação dos programas. Quando pensada no plano social, outros fatores são sublinhados, tais como: acesso à informação; quantidade de recursos destinados à saúde por parte das autoridades e legislação locais; acesso e qualidade dos serviços; comportamento de indicadores sociais e epidemiológicos; aspectos sociopolíticos e culturais; grau de liberdade de pensamento e expressão, sendo tanto maior a vulnerabilidade quanto menor a possibilidade de esses sujeitos fazerem-se ouvir nas diversas esferas decisórias; grau de prioridade política e econômica; condições de bem estar social, como moradia, escolarização, acesso a bens de consumo, entre outros.

Nessa perspectiva, a compreensão de vulnerabilidade apreende um conjunto de características dos contextos político, econômico e sociocultural que interferem diretamente na vida dos indivíduos e se traduz em incertezas e provisoriedade na tessitura das redes, no estabelecimento de laços.

Baumann (2005) denomina esse estado de incerteza e provisoriedade de liquidez. Utiliza essa metáfora para explicar o clima fluido, líquido, leve, caracterizado pela precariedade, rapidez de movimento que perpassa as relações na contemporaneidade.

Os líquidos, diferentemente dos sólidos, não mantêm sua forma com facilidade [...] Enquanto os sólidos têm dimensões especiais claras, mas neutralizam o impacto e, portanto, diminuem a significação do tempo (resistem efetivamente a seu fluxo ou tornam irrelevante), os fluidos não se atêm muito a qualquer forma e estão constantemente prontos (e propensos) a mudá-la. (BAUMAN, 2005, p. 8).

Castel (2008) afirma que a vivência da incerteza e da fragilidade de vínculos sociais coloca em cheque a coesão social, através do individualismo negativo e da desfiliação, em que os indivíduos ficam em estado de flutuação na estrutura social, povoando seus interstícios, sem encontrarem um lugar designado.

2 A tessitura das redes

A constatação de indivíduos em situação de flutuação na estrutura social remete ao debate de Granovetter, que nega a atomização dos sujeitos. Castel não se refere ao debate do sociólogo americano, porém em nosso exercício analítico, estabelecemos essa correlação. Dada à fluidez da vida contemporânea, os sujeitos encontraram dificuldades de construir referências, sedimentar princípios, construir pontes, fixar posições. A transitoriedade, a ansiedade, a precariedade, o isolamento perpassam as relações. Vive-se um individualismo por falta de referências, e não por excesso de investimentos subjetivos (CASTEL, 2008, p. 603). Os laços fortes estão fragmentados, vulneráveis, em descrédito, em desuso, obsoletos. Os laços fracos ainda mais fracos, pífios, instantâneos, indeterminados.

Assim, se nos limitarmos aos dois tipos de enraizamento proposto por Granovetter (relacional e estrutural), nossa discussão se restringe. Acreditamos que a proposta do autor permanece nos possibilitando elementos de análise e compreensão da realidade. No entanto, concordamos com Zukin e Dimaggio (1990) que, partindo da crítica a Granovetter, ampliam seu conceito de enraizamento, acrescentando na análise as dimensões culturais e políticas. Os referidos autores definem 4 tipos de enraizamento: cognitivo, cultural, social e político.

A noção de enraizamento cognitivo se refere aos limites impostos pelos processos mentais ao exercício do raciocínio econômico, ou seja, a capacidade cognitiva dos agentes para agirem em contextos incertos; o enraizamento cultural faz referência à influência dos valores, normas e das crenças coletivas sobre os objetivos e as estratégias econômicas; o enraizamento social diz respeito ao papel das redes sociais, explicitado por Granovetter; e, finalmente, a noção de enraizamento político aponta para o processo pelo qual as lutas de poder que envolvem os atores econômicos e as instituições não econômicas moldam as instituições e as decisões econômicas (RAUD, 2005).

Enfatizamos as contribuições da dimensão cultural e política na compreensão do processo de imbricação e na tessitura da rede. Acreditamos que, mesmo em um contexto de liquidez, os ritos, normas, crenças, costumes, tradições, relações de poder mobilizam uma densidade na constituição de laços.

Contudo, permanecem os questionamentos: como a tessitura da rede ocorre? Por que alguns sujeitos possuem mais laços e transitam em mais grupos do que outros? Como capacitar os sujeitos para a formação de redes?

Não temos a pretensão de responder a essas questões, entretanto, nossa observação mediada pela aproximação à produção teórica de redes nos possibilita identificar dois movimentos: diacrônico e sincrônico. Diacrônico, pois a tessitura de laços é complexa e alonga-se no tempo e sincrônico, pois não se reduz aos laços fortes e fracos, mas envolve uma série de outros elementos e determinantes sociais, políticos, econômicos, geográficos, de ordem objetiva e subjetiva que dão vida, maior ou menor densidade, que medeiam e dão concretude a experiências de difícil mensuração como solidariedade, gratuidade, reciprocidade, confiança, alteridade; só para citar algumas.

Assim, retomamos nossa pergunta de partida: em que medida o atual contexto do trabalho e da formação capacita, habilita os jovens, egressos do ensino superior, a tecerem laços e redes? Como isso se processa na inserção profissional desses sujeitos? Esse tem sido nosso objeto de estudo e dada às aproximações sucessivas a ele, identificamos uma multiplicidade de variáveis que interferem nesse contexto. Entre elas destacamos: características do sujeito (como gênero, etnia e idade, acesso a escolaridade de seus genitores³), sua trajetória educacional e as características da região em que reside ou pretende inserir-se profissionalmente.

Os estudos de inserção profissional que utilizam as variáveis raça, etnia, classe e gênero evidenciam que esses fatores interferem em uma variada gama de fenômenos sociais, tais como o acesso à escolaridade, ao emprego, à renda, ao status social, entre outras. Por outro lado, há que se rejeitarem conclusões mecanicistas sobre essa correlação.

O grupo sexual a que pertence, a área disciplinar frequentada, a região em que reside, o tipo de instituição de ensino superior que se frequentou são elementos que, para além da conjuntura econômica e das relações entre ensino superior e emprego, condicionam os percursos de inserção profissional dos diplomados e tornam menos ou mais fácil a rentabilização do diploma de ensino superior em termos de utilização na vida ativa. (ALVES, 2004, p. 123).

Acreditamos que esses elementos são decisivos na capacidade de estabelecer laços, de tecer redes. Além disso, referente à trajetória dos jovens egressos, pesquisas têm mostrado que a competitividade e a insegurança no mercado de trabalho corroboram para o prolongamento dos estudos, como uma forma de incrementar o currículo e as alternativas de inserção profissional. Trottier faz essa análise ao constatar as dificuldades de inserção profissional de jovens e

constata que “[...] o acesso a um contrato de trabalho com tempo indeterminado, em tempo integral em sua área de atuação é muito mais difícil do que outrora.” (TROTIER, 2001, p. 93).

Diante disso, os estágios são o exemplo emblemático dessas estratégias de incrementar a formação, na medida em que possibilitam uma aproximação com o campo de atuação futuro, bem como com as habilidades, competências e especificidades de cada área. Leonor Teixeira (2010) denomina essa busca de diferentes “percursos traçados” pelos estudantes durante a formação que objetivam o desenvolvimento de competências pessoais, sociais e profissionais e a familiarização com o mundo do trabalho. Nesse processo identificamos a potencialização da formação de novos laços, e por consequência, de uma rede profissional.

Outra estratégia utilizada pelos estudantes que possibilita a ampliação de contatos e a tessitura da rede é o acesso a diferenciados projetos que ocorrem em paralelo às atividades curriculares, por exemplo, projetos de extensão, pesquisa, monitoria, iniciação à docência que permitem uma aproximação com a dimensão teórico-prática das diferentes disciplinas. Tomlinson (2008) afirma que o acesso a essas atividades dá ao sujeito credenciais *softs* fora da sua aprendizagem formal: credenciais pessoais, sociais e comportamentais que são particularmente importantes no processo de inserção profissional.

Reflexão final

Desta forma, reiteramos a tese de Granovetter sobre a influência do enraizamento estrutural (laços fracos) no processo de inserção profissional, todavia, evidenciamos a interferência do enraizamento cognitivo para a permanência e construção de uma trajetória/carreira profissional, no que diz respeito à habilidade e competências relacionais, de administração conflitos, de trabalhar sob pressão; do enraizamento político referente à capacidade de identificar correlações de forças, de analisar cenário, propor estratégias e do enraizamento cultural quanto à habilidade de identificar em si e na relação à interferência de normas, regras, valores que subjazem a condição de estar e ser no mundo. Acrescentaríamos, ainda, o enraizamento técnico, que compreenderia a instrumentalidade para o trabalho.

Ao mesmo tempo em que identificamos esses enraizamentos,

contraditoriamente experienciamos os desenraizamentos expressos na flexibilidade, na liquidez, na superficialidade das relações já abordadas.

Nessa correlação, há que se estabelecerem estudos de caso, escapando de generalizações, de enquadramentos. Os estudos de casos possibilitam a identificação dos sujeitos, seus percursos, trajetórias, significados e significantes. Ao observarmos as trilhas dos sujeitos, é possível visualizarmos os recursos mobilizados, as habilidades conquistadas, as competências adquiridas, as construções, as rupturas; enfim a tessitura de seus laços, redes, de suas histórias.

Por fim, acreditamos que mesmo percorrendo esse caminho, não será possível prescindir de um olhar para as instituições, para o Estado e para o mercado, negligenciados por Granovetter. Nesse sentido, abre-se outro leque de debate, que nos aponta para um próximo artigo.

Notas

* Adriana Lucinda de Oliveira é doutora em Políticas Públicas, professora adjunta na Universidade Federal do Paraná – UFPR/Setor Litoral no curso de Serviço Social. Tem mestrado em Desenvolvimento Regional pela Universidade Regional de Blumenau e em Serviço Social pela Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC. E-mail: adrilucinda@gmail.com

** Luiz Everson da Silva é doutor, professor adjunto na Universidade Federal do Paraná – UFPR/Setor Litoral no curso de Licenciatura em Ciências e atua também no quadro permanente do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Territorial Sustentável da UFPR. E-mail: luiz_everson@yahoo.de

¹ Podemos exemplificar os avanços no desenvolvimento de regiões como o Vale do Silício ou da Terceira Itália, bem como as mudanças das orientações adotadas pelo Banco Mundial a partir da década de 80, ao constatar a ineficiência de adotar o mesmo receituário para diferentes países em desenvolvimento, haja vista suas peculiaridades sociais, culturais, demográficas, históricas, políticas. Esses exemplos evidenciam que não basta uma análise econômica para compreender a realidade, é preciso o aporte das outras dimensões que estão "encrustadas" entre si.

² Ao longo desse ensaio adotaremos os termos imbricação, encrustação e enraizamento como sinônimos de *embeddedness*.

³ Corseuil, Santos e Foguel (2001) através de um modelo paramétrico do tipo *logit* multinomial, realizaram um estudo com foco nos fatores determinantes das escolhas dos jovens entre estudo e trabalho no Brasil, em comparação aos jovens de outros países da América Latina. Os principais resultados foram: o grau de instrução dos pais dos jovens exerce forte influência sobre a alocação do tempo desses entre trabalho e estudo para todos os países analisados. Assim, quanto maior o nível de educação de seus pais, maior será a probabilidade de dedicação aos estudos, independente do sexo do jovem.

Referências

ALVES, Mariana Gaio. Aprendizagem ao longo da vida e transições educativas e

profissionais: os diplomados de ensino superior em tempos de incerteza. In: **VII Congresso português de sociologia**, 2012, Porto. Proceedings: 2012.

ALVES, Mariana Gaio. A inserção profissional de diplomados de ensino superior: uma abordagem sociológica. In: **Actas dos ateliers do V Congresso português de sociologia: sociedades contemporâneas, reflexividade e acção**. 2004, Minho, Universidade do Minho, 2004. Proceedings: 2004.

ANTUNES. R. **Os sentidos do trabalho**: Ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho. São Paulo: Boitempo, 2000.

AQUINO, L. A juventude como foco das políticas públicas. In: CASTRO, J. A.; AQUINO, L. M.C.; ANDRADE, C. C. A.; (Org.). **Juventude e políticas sociais no Brasil**. Brasília: Ipea, 2009.

ARAGÃO, E. F. Os sentidos do trabalho para os jovens universitários. O público e o privado - **Revista do PPG em Políticas Públicas da Universidade Estadual do Ceará – UECE**. n.11, p. 109-121, 2008.

BAUMAN, Z. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

CASTEL, R. **As metamorfoses da questão social**: uma crônica do salário. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

CORSEUIL, C. H.; SANTOS, D. D.; FOGUEL, M. N. **Decisões críticas em idades críticas**: a escolha dos jovens entre estudo e trabalho no Brasil e em outros países da América Latina. Texto para discussão 797. p. 1-46, 2001. Disponível em: <http://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=4029>. Acesso em: 31 out. 2013.

GRANOVETTER, M. The strength of weak ties: A network Theory Revisited. **Sociological Theory**, v. 1, p. 201-233, 1983.

GRANOVETTER, M. Economic Action and Social Structure: The Problem of Embeddedness. **The American Journal of Sociology**, v. 91, n. 3, p. 481-510, 1985.

GRANOVETTER, M. **Getting a Job: A Study of contacts and careers**. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1995.

GRANOVETTER, M. Ação econômica e estrutura social: o problema da imersão. **RAE Eletrônica**, v.6, n.1, jan/jun, 2007.

HARVEY, D. **Condição pós-moderna**. São Paulo: Loyola, 1996.

IPEA - INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA. **Mercado de trabalho: conjuntura e análise**. v. 1, n.17, 2012. Disponível em: <http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/mercadodetrabalho/bmt50_completo.pdf>. Acesso em: 10 nov. 2013.

MANN, J. et al. Como avaliar a vulnerabilidade à infecção pelo HIV e AIDS. In: PARKER, R., GALVÃO, J.; PEDROSA, J. S. **A AIDS no mundo**. Rio de Janeiro:

Relume-Dumará: ABIA: IMS/UERJ, 1993.

MÉSZÁROS, I. **Para além do capital**. São Paulo: Boitempo Editorial; editora da Unicamp, 2002.

OLIVEIRA, F. A questão do Estado. Vulnerabilidade social e carência de direitos. **Cadernos ABONG**, p. 9-19, 1995,

RAUD, C. M. Análise crítica da Sociologia Econômica de Mark Granovetter: os limites de uma leitura do mercado em termos de redes e imbricação. **Política & Sociedade**, v.6 p.59-82, 2005.

TEIXEIRA, L. A inserção profissional de diplomados do Ensino Superior: a adequação entre formação e emprego nos subsistemas universitário e politécnico. **Projeto de Tese**. Disponível em:<moodle.fct.unl.pt/.../Projecto_Tese_Leonor_Teixeira, 30/MAR/2010.doc>, Acesso em: 04 set. 2013.

TOMLINSON, M. The degree is not enough: students' perceptions of the role of higher education credentials for graduate work and employability. **British Journal of Sociology of Education**, v. 29(01), p.49-61, 2008.

TROTTIER, Claude. La sociologie de l'éducation et l'insertion professionnelle des jeunes. **Éducation et Sociétés**, v. 7, p. 93-101, 2001.

ZUKIN, Sharon & DiMAGGIO, Paul. **Structures of capital**. The social organization of the economy. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.

Recebido em: junho de 2014.

Aprovado em: setembro de 2014.